



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

BARBARA ANGELIM CORREA ALVES

**É DIA DE FESTA: REFLEXÕES SOBRE FESTIVIDADE, IDENTIDADE E RITUAL
NA FESTA DE SANTA TERESINHA, NO BAIRRO DO JURUNAS -BELÉM/PA**

**BELÉM
2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

BARBARA ANGELIM CORREA ALVES

**É DIA DE FESTA: REFLEXÕES SOBRE FESTIVIDADE, IDENTIDADE E RITUAL
NA FESTA DE SANTA TERESINHA, NO BAIRRO DO JURUNAS -BELÉM/PA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof. Dra. Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

**BELÉM
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

A474e Alves, Barbara Angelim Correa
 É dia de festa: reflexões sobre festividade, identidade e ritual na
 festa de Santa Teresinha, no bairro do Jurunas - Belém/PA / Barbara
 Angelim Correa Alves – 2023.

 Orientadora: Profª Drª Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida

 Artigo de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
 Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e
 Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2023.

 1. Festas religiosas –Belém (PA). 2. Igreja católica. 3. Ritos e
 cerimônias. I. Título.

CDD - 23. ed. 306.4

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao sexto dia do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às quatorze horas, reuniu-se, na sala 15, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores **Dra. IVONE MARIA DE AMORIM ALMEIDA** (Orientadora e Presidente), **Profa. Ma. CLÁUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA** (Examinadora) e **Prof. RAPHAEL ANDRADE** (Examinador Externo), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da aluna **BÁRBARA ANGELIM CORRÊA ALVES**, intitulado "É dia de Festa: Reflexões sobre Festividade, Identidade e Ritual na Festa de Santa Terezinha, no bairro do Jurunas – Belém/PA". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito excelente,
feitas as seguintes observações: normalização PBNT
e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 06 de junho de 2023.

Profa. Dra. IVONE MARIA DE AMORIM ALMEIDA
Orientadora e Presidente de Banca

Profa. Ma. CLÁUDIA DO SOCORRO GOMES DA SILVA
Examinadora

Prof. RAPHAEL ANDRADE
Examinador Externo

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste artigo por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura 

BARBARA ANGELIM CORREA ALVES

Local e Data: Belém, 29/06/2023

É DIA DE FESTA: REFLEXÕES SOBRE FESTIVIDADE, IDENTIDADE E RITUAL NA FESTA DE SANTA TERESINHA, NO BAIRRO DO JURUNAS -BELÉM/PA.

IT IS FEAST DAY: REFLECTIONS ON FESTIVITY, IDENTITY AND RITUAL AT THE FEAST OF SANTA TEREZINHA, IN THE NEIGHBORHOOD OF JURUNAS-BELÉM/PA

ALVES, Barbara Angelim Correa¹

¹ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim ^{2,3}

Resumo

O presente artigo intitulado É dia de Festa: Reflexões sobre Festividade, Identidade e Ritual na Festa de Santa Terezinha, no bairro do Jurunas-Belém/Pa, se constitui em resultado do processo de iniciação científica, Bolsa PIBIC/UFPA-2022 vinculado ao projeto de pesquisa Festas, Brincadeiras, Cortejos e Atos Devocionais – Estudos sobre manifestações populares na Amazônia. Tem como objetivo investigar a vitalidade ritualista da Festa de louvação à santa Terezinha e de como essa festa é vivida no campo ritual pelos sujeitos que a vivem. Aciona o método etnográfico como base no percurso da observação in loco e coleta de dados. Na sua composição textual aciona campos epistemológicos que refletem sobre as categorias festividade, teatralidade e ritualidade, tais como: ALMEIDA (2010), CANCLINI (1997), TURNER (2008), RODRIGUES (2008), BIÃO (2009), dentre outros.

Palavras-chave: festa; festividade; identidade; ritual.

Summary

This article entitled It is Feast Day: Reflections on Festivity, Identity and Ritual at the Feast of Santa Terezinha, in the neighborhood of Jurunas-Belém/Pa, constitutes a result of the process of scientific initiation, PIBIC/UFPA-2022 scholarship linked to the research project Festas, Brincadeiras, Cortejos e Atos Devocionais – Estudos sobre manifestações populares no Amazônia. It aims to investigate the ritualistic vitality of the Feast of praise to Saint Terezinha and how this festival is lived in the ritual field by the subjects who live it. Triggers the ethnographic method as the basis for the path of on-site observation and data collection.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Teatro, na Escola de Teatro e Dança da UFPA/ETDUFPA/ICA/UFPA. Compõe o grupo de pesquisa Festas, Brincadeiras, Cortejos e Atos Devocionais: estudos sobre manifestações culturais na Amazônia, coordenado pela prof^a Dra Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida. É bolsista PIBIC-UFPA (2022-2023). Email: barbara.angelim03@gmail.com.

² Doutora em História Social – PUC/SP (2010). É Professora-pesquisadora da Universidade Federal do Pará, lotada no Instituto de Ciências das Artes - ICA/UFPA. Coordena o projeto de pesquisa **Festas, Brincadeiras, Cortejos e Atos Devocionais: estudos sobre manifestações culturais na Amazônia**. É orientadora PIBIC, PIBEX, PIBIPA -UFPA. Email: ivmaxavier@gmail.com.

In its textual composition it triggers epistemological fields that reflect on the categories festivity and rituality, such as: ALMEIDA (2010), CANCLINI (1997), TURNER (2008), RODRIGUES (2008), among others.

Keywords: feast; festivity; identity; ritual.

1. Introdução

Este artigo é resultado da execução do Plano de Trabalho ligado ao Projeto de Pesquisa **Festas, Brincadeiras, Cortejos, Procissões e Atos Devocionais: Estudos sobre Manifestações Populares na Amazônia**, é apresentado como resultado da bolsa PIBIC-UFPA (Edital PIBIC-2022). O objeto investigativo é a Festa de Santa Terezinha do Menino Jesus no Bairro do Jurunas, na cidade de Belém do Pará, e busca refletir sobre as dimensões da festividade e atos devocionais à santa louvada.

De acordo com Almeida (2010), no campo do catolicismo devocional, as festas, procissões e cortejos em louvação a santos e santas - cujas origens remontam ao período da colonização portuguesa - atravessam a região amazônica. Todavia, em cada cidade ou comunidade tradicional onde o festejo se assenta, o processo sincrético é extremamente rico e denso. A festa de louvação a Nossa Senhora de Nazaré que acontece anualmente em vários municípios amazônicos, embora mantenha a estrutura ritualística da festividade que acontece em Belém, em cada localidade agrega saberes e fazeres idiossincráticos desses espaços. Na mesma proporção a festa em louvação a São Benedito, também apresenta essas particularidades. A devoção a São Benedito – o santo negro – se constitui em manifestação popular ligada ao catolicismo devocional. Na cidade de Bragança e em boa parte da microrregião bragantina, como nos municípios de Augusto Correa, Santarem Novo, Guatipuru, Traquateua e Nova Timboteua, a festa em louvação a esse santo é organizada pela irmandade de São Benedito, através de seus integrantes denominados de Capitães, Capitoas, alferes, marujos e marujas. Eles são os responsáveis pela Marujada, brincada e dançada nos barracões do santo preto no ritmo do retumbão. Já em Gurupá, município paraense localizado no arquipélago de Marajó, São Benedito – o santo negro-, divide a igreja com Santo Antônio – o santo branco. Neste município a festa em louvor a este santo é comandada exclusivamente por homens, os alferes e as brincadeiras e danças são comandadas pelo ritmo do carimbó tocados na Festa do Gambá.

A partir de minha aproximação com estudos da cena que se aproximavam do estudo de manifestações ritualísticas ligadas ao sagrado e ao profano, por meio de minha integração ao processo de iniciação científica que posso agregar a essa coletânea de conhecimentos e mapeamentos das festividades religiosas da região Amazônica. Dessa forma, na esteira do

raciocínio reflexivo da autora que destaco a Festa de Santa Terezinha como, também, ligada a dimensão do catolicismo devocional ou catolicismo popular, que, no período de sua realização, agrega milhares de fiéis, quer seja em atividades de caráter religioso e naquelas de dimensão profana que acontecem às imediações da Igreja da santa, no bairro do Jurunas.

Como *aprendiz de feiticheiro*, iniciei meu percurso na pesquisa acadêmica. Campo rico para se aprender na prática, o exercício de estranhamento (OLIVEIRA, 1998) que propõe a necessidade de transformar o que nos é familiar em exótico. Somente com o pé na festa que conheço desde muito tempo e procurando ajustar as lentes no ato de *olhar* a festa é que pude exercitar este princípio de caráter metodológico.

A Paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus está localizada na rua Roberto Camelier, número 808, próximo à célebre Aldeia do Rádio e nas imediações também da escola de samba do Rancho. Um lugar um tanto quanto icônico no bairro, uma referência no espaço e a comunidade católica onde me debrucei a fim de pesquisar sobre a referida. Desta forma, o objetivo deste trabalho consiste em mergulhar nesse pequeno universo católico do bairro do Jurunas, no pequeno espaço de tempo da duração desta festa e conhecer sua comunidade, ou seja, como a “nação jurunense” festeja a Santa Padroeira do bairro, com direito a toda beleza e riqueza encontrada ao longo de sua execução. E neste percurso, entender como conceitos de identidade (HALL, 2006), teatralidade e espetacularidade (BIÃO, 2009), comunidade e ritual (TURNER, 1974, 2008) e catolicismo popular (SOUZA, 2013) se comunicam com esta festa a partir de uma análise etnográfica, a qual explora conceitos de diferentes áreas do conhecimento e que busca não só entender o acontecimento em si, mas também o entorno no qual ele ocorre e as pessoas responsáveis pelo próprio acontecimento (MAGNANI, 2002).

2. O bairro do Jurunas

O que é interessante compreender é que o bairro, tomando-se aqui a expressão ou o conceito “nação jurunense”, seja ele qual for, é lugar onde as pessoas se cruzam, relacionam-se e participam de manifestações diversas com as quais se identificam e constroem um conceito próprio de identidade (CHAGAS, 2012). O bairro do Jurunas é um dos maiores e mais populosos bairros de Belém, marcado pelo seu caráter heterogêneo, uma vez já tendo sido reconhecido como um dos lugares mais perigosos da cidade, mas que também é composto por uma população com grande sentimento de afeto para com o local. É também o locus no qual a pesquisadora Carmen Rodrigues (2006) se debruça e fala sobre com uma riqueza de detalhes impressionantes e que aqui eu utilizo como maior referência no que se trata ao histórico do bairro, se constituindo em referência de extrema importância para

o meu estudo.

A história da cidade de Belém é marcada por constante conflito, embates e negociações primeiramente entre indígenas e portugueses, este último com o apoio da igreja católica que fez com que boa parte das ocupações aqui fossem de ordem religiosa. Posteriormente, a cidade também recebeu um grande influxo de pessoas negras e também de outras etnias tais quais os árabes, gerando assim a diversos fenótipos decorrentes de misturas etnoraciais as quais se tornaram característicos da população nortenha e este processo é discutido tanto por Salles (1971, apud. Rodrigues, 2006) quanto por Moreira Neto (1988, apud Rodrigues, 2006).

Esta população mestiça, por sua vez, em contraste com a elite lusitana, se estabeleceu nos arredores das áreas centrais da cidade, a partir da abertura de caminhos e ruas e outras intervenções aos espaços geográficos que serão exemplificadas abaixo. De acordo com Rodrigues (2006), embora evidências apontem que a região das margens do rio Guamá era habitada desde o século XVII, foi a partir do século XVIII, quando, por meio de obras, desvio de canais, construção de pontes e desvio de corpos d'água a região se torna mais acessível, sua ocupação toma força e a região se valorizou. Tornou-se um ponto estratégico tanto pela sua proximidade com portos e comércio com ilhas e o interior do estado quanto pela sua proximidade com o centro histórico e outras áreas importantes da cidade. Na passagem do século XIX para o XX, a região cai no interesse da gestão local e na administração de Antônio Lemos o bairro recebe melhorias tais quais saneamento básico, alargamento e calçamento de vias, entre outros. Com a chegada do século XX, o bairro recebeu um crescimento populacional muito significativo, e boa parte de seus habitantes se tornaram pessoas que haviam migrado para Belém, principalmente do interior do estado e do Nordeste brasileiro.

Atualmente, o bairro é conhecido por ser extremamente movimentado. Durante os anos em que morei lá, a sensação que tinha, especialmente na rua Fernando Guilhom (antiga Conceição) era de que o bairro não dormia. Era cheio de vida desde o raiar do dia até altas horas da noite. Cheio de sons, dos comércios, dos vizinhos, das vans, motos, ônibus e carros que disputam o espaço daquelas ruas das formas mais caóticas possíveis. E as pessoas falam alto, andam apressadas, andam devagar, atrapalhando a passagem de quem anda com pressa, pessoas sentam no final da tarde na porta de suas casas até os dias de hoje, - fenômeno que no tempo presente é observado com maior frequência em cidades do interior do Estado. Como se o bairro do Jurunas fosse uma imensa colcha de retalhos que se estende nas mediações entre o Rio Guamá, o bairro da Cidade Velha, de Cremação, da Condor, da Batista Campos, misturando elementos desses e de outros lugares para criar uma faceta única. E inserido nesse

locus, já com 86 anos, surge a Paróquia de Santa Teresinha, composta pelas pessoas desse lugar, se mantendo viva, fincada no mais puro sumo do catolicismo popular.

A história da paróquia, de suas Festas religiosas populares urbanas estabelece diálogo entre as formas tradicionais e canônicas de religiosidade e a vida cotidiana, secular e moderna, produzindo espaços não apenas de religiosidade, mas também de reunião e interação; esferas de sociabilidade e de encontro e/ou confronto entre iguais e diferentes. (CHAGAS, 2012. pág. 201) A paróquia de Santa Teresinha do menino Jesus é um espaço católico que está de pé desde 1935 (RODRIGUES, 2006), independente de quantas igrejas evangélicas ao seu redor abriram e fecharam com o passar dos anos. Antes de escolhê-la como lugar de minha pesquisa, me perguntei se, nos últimos anos onde eu não havia sido obrigada a frequentá-la, ela ainda era relevante. E acredito que a igreja completamente lotada que encontrei na minha primeira visita de campo, no dia da Festa de Santa Teresinha me respondeu que sim. Para além de uma igreja católica ainda em pleno funcionamento, sua relevância é ratificada quando ela se torna um ícone no espaço geográfico por sua parte material, isto é, o prédio, sua aparência, sua ocupação no espaço.

Rodrigues (2006) a classifica como um dos “lugares-signos de identidade do bairro”, na qual a paróquia aparece como uma das estruturas mais citadas, juntamente com a escola de samba do Rancho e a Praça Batista Campos, lugares esses que também são tidos como um dos motivos que tornam o bairro um lugar agradável e bom de se morar. Se por um lado ela é vista como um referencial geográfico do bairro e se mantém ativa em suas atividades, sua história, por outro, não é tida de fácil acesso. Dessa forma, o melhor texto de acesso público que conta a fascinante história deste lugar foi encontrado num recorte de jornal que é mantido na biblioteca Arthur Viana do CENTUR. Veiculado em 18/09/1991 pelo O Liberal, ele relata os preparativos para a festa daquele ano e conta um pouco sobre a história da Paróquia.

“A paróquia de Santa Terezinha foi criada em 12 de janeiro de 1935, (...). Sua origem, entretanto, remonta ao ano de 1914, quando o bispo do Pará Dom Santino Coutinho criou os ‘oratórios festivos’, mais tarde levados às paróquias. Entre esses oratórios, foi criado no bairro do Jurunas o “Oratório Festivo de São Domingos do Gusmão”, com a finalidade de ensinar o catecismo às crianças, cabendo o início desse trabalho ao padre Inácio Magalhães.” (JURUNAS..., 1991, p. 4)

Um aspecto interessante, no entanto, no que diz respeito ao contexto em que a paróquia surgiu diz respeito à sua relação com as atividades não-religiosas que também aconteciam nas redondezas, tal qual a criação do Clube São Domingos, mais antigo grêmio jurunense e lugar de onde posteriormente a igreja se originaria, porém que se consagrou como um célebre espaço de festas e socialização. Além disso, o terreno onde a igreja funciona

atualmente também já foi, até dos anos de 1930, o lar do boi Pae do Campo, o mais famoso do bairro, que rivalizava com diversos outros bois da cidade, mais notavelmente com o boi Está Cavando, residente do bairro vizinho, Batista Campos, já denotando a aproximação que categorias como “religioso” e “secular” têm em espaços como os do bairro, marcado por hibridismos.

3. A festa: como ocorre, como é espetacular e como é híbrida!

A festa é, na verdade, o ponto alto após uma semana de expectativa, que é onde outros eventos da festividade ocorrem, por exemplo, o convite de outras paróquias para determinada missa, participação de crianças e da juventude em outra, e, por sua vez, missa presidida pelo bispo auxiliar convidado, D. Antônio de Assis Ribeiro. Também é o dia em que não somente uma ou duas atividades sociais acontecem, porém três: um café-da-manhã, um almoço e de noite, a festa. Quando existe a preparação para a breve procissão pelas ruas do bairro, no dia seguinte até o encerramento da festa na noite de domingo, onde também ocorre o “Festival do Açaí”. Porém, a fim de delimitar de forma mais objetiva meu objeto de pesquisa, focarei na festa em específico que acontece no dia de Santa Teresinha³, no primeiro dia de outubro e pela qual a igreja se prepara durante um ano todo.

A festa de Santa Teresinha é um evento anual e, apesar da proximidade das datas, não tem nenhuma relação com o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, maior evento religioso da cidade de Belém. No ano de 2021, quando ocorreu o estudo, a celebração aconteceu no período de 23 de setembro até 03 de outubro, a festa propriamente dita aconteceu no dia 01 de outubro, com o tema “Com Teresinha e seus pais, vivamos a ‘Alegria do Amor’ na Família, na Igreja e na Sociedade”, com esse tema sendo também o foco de estudo da Semana Missionária e do Retiro Espiritual, que ocuparam o calendário da igreja dos dias 11 até 20 de setembro.

Para o olhar destreinado, a dita festa de Santa Teresinha parece uma missa como qualquer outra, mas existe uma atmosfera diferente no ar, quase palpável, energia essa que pode ser interpretada como a espetacularidade desse evento. Me aproximo agora dos estudos da etnocenologia e de seus conceitos de teatralidade e espetacularidade para analisar as performances que compõem a festa por essa perspectiva, utilizando aqui os conceitos de Bião, o qual conceitua o seguinte:

³ Santa Terezinha do Menino Jesus, nascida Marie Françoise Thérèse Martin em 1873 na França e falecida em 1897 em razão de uma tuberculose, foi beatificada em 1923 e canonizada em 1925 pelo papa Pio XI. Dedicou sua vida à evangelização e à causa missionária e é conhecida como Padroeira das Missões. Seu símbolo são as rosas, especialmente rosas vermelhas, devido à, no seu leito de morte, ter prometido uma chuva de rosa quando expirasse. A expressão “chuva de rosas” ainda é usada pelos devotos da santa como forma de desejar bênçãos. (disponível em https://santuariosantaterezinha.com.br/historia_de_santa_terezinha/)

“Quando fazemos teoria (theorein = ver de longe) e “olhamos” o mundo, todo o seu espaço é espaço teatral, e tudo o que aí se vê pode ser espetacular. Os microeventos da vida cotidiana formam a teatralidade. Os macroeventos, que ultrapassam a rotina, são extracotidianos, e formam a espetacularidade.” (BIÃO, 2009, pág. 161 e 162)

A teatralidade, no contexto da missa, diz respeito às ações e rituais que o católico está habituado a realizar em sua relação com o divino: comparecer à igreja na frequência que melhor se cabe em sua realidade, utilizar determinados tipos de roupas, ajoelhar-se ao entrar no templo, para citar alguns exemplos. Nesse momento, o indivíduo está exposto ao olhar do outro, assim como ele também observa, dessa forma, a comunidade apresenta um consenso de ações que se seguem durante o ritual rotineiro de missa e presença na igreja, assumindo o papel de católico, cristão, fiel, devoto.

Já no contexto da festa, evidencia-se mais o conceito de espetacularidade, haja vista a alteração do corpo por este não estar em um momento de rotina, é um momento aguardado e ansiado. Para além disso, embora não seja a intenção mais primordial da festa, essa expõe àquelas pessoas ao olhar do outro, do visitante de outra paróquia, da pessoa que acompanha a *live* do evento pelas redes sociais, de curiosos moradores do bairro, do espectador que está assistindo por uma transmissão de TV. Nesse momento, aquele indivíduo não é somente mais um católico, ele é parte da comunidade que fez a festa acontecer, então ele se coloca em cena e vive esse momento. Assim como Almeida (2022) afirma em seus estudos acerca o Círio de Nazaré, a condição de observar e de ser observado, presente tanto na teatralidade quanto na espetacularidade, não é uma condição fixa, mas fluida, é um jogo entre observar e ser observado, no qual não é preciso estar realizando os rituais para ser afetado pela atmosfera.

Além disso, outra abordagem para se observar os elementos cênicos diz respeito à relação que também Almeida (2022) faz entre o Círio de Nazaré e a Sociologia do Cotidiano de Erving Goffman, paralelo esse que também pode ser traçado aqui entre essa abordagem e a festa de Santa Teresinha.

“Para Goffman, no estudo das representações sociais há que se considerar a perspectiva da representação teatral e os princípios dramatúrgicos, ou seja: a presença do ator, observadores, personagem, espetáculos, desempenho de papéis. Para ele, a representação consiste em “toda atividade de um indivíduo que acontece num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1989, p. 35).” (ALMEIDA, 2022, pág. 24)

Dessa forma, temos o cenário da igreja, o templo enfeitado com flores e a praça de eventos com tendas armadas e decorações postas, temos o figurino especial dos devotos e outros presentes na missa, a trilha sonora cuidadosamente selecionada pela banda da igreja, acompanhada pelo coro dos fiéis, além da representação que fica por parte dos atores sociais,

em plena realização dramática. A partir desse panorama inicial, é possível fazer uma análise mais detalhada da festa, que inicia com uma missa, e de suas espetacularidades.

O início é uma missa, composta de todas as performances clássicas que compõem esse evento, como a coreografia presente durante os hinos, com a intrigada dança das preces, do ajoelhar-se, da devoção. Porém, ao fim da missa, os devotos se dirigem aos fundos da igreja, à parte de socialização e nesta área prossegue o festejo. Existem dois momentos bem divididos, quais sejam; a missa na paróquia e a festa na praça de eventos, fenômeno não incomum nos estudos acerca de festas católicas, pois:

“O que ocorreu (...) foi uma separação cada vez mais nítida entre a igreja como espaço de manifestações litúrgicas que deveriam ocorrer sob estrito controle da Igreja e a rua como espaço para festas religiosas onde a tolerância era maior e o controle menos rigoroso.” (SOUZA, 2013, pág. 27)

O primeiro evento que acontece após o término da missa, ainda no espaço sagrado e solene da igreja é a distribuição e oferta de rosas vermelhas, o símbolo da santa. Isto acontece nos primeiros minutos após o encerramento da missa, quando os fiéis se levantam de seus bancos, ao mesmo tempo em que se iniciam as conversas e cumprimentos pelo salão, a confraternização. Ao mesmo tempo, algumas pessoas se aproximam da imagem da Santa, do lado esquerdo da igreja e pedem por suas bênçãos.

Embora já tivesse frequentado a igreja diversas vezes durante minha infância, não tinha recordações da praça de eventos, localizada nos fundos. No meio do caminho, via as salas onde os grupos se reúnem para a organização da festa, apesar de não saber dessa informação na hora. Quando cheguei na praça, vi quatro barracas, venda de comidas e artigos religiosos, diversas mesas espalhadas e uma fila que se formava para a compra de fichas. E sim, estava cheio de pessoas, de vida, de conversas e de um profundo senso de comunidade. Uma grande contradição com a qual me deparei diz justamente ao excesso de pessoas naquela festa, muito provavelmente por se tratar de um evento especial. Durante a missa, a igreja em seu interior tinha lugares vagos para respeitar o distanciamento social, mas, do lado de fora de onde eu assisti, onde as pessoas que chegavam depois se acomodavam. Porém, durante a festa, as normas do distanciamento pareciam mais como uma lembrança distante, conforme as pessoas se misturavam e tomavam seus lugares nas mesas, acompanhadas de seus amigos e colegas da comunidade.

A festa pode ser definida, efetivamente, como um ritual no qual um excedente de produção é distribuído de maneira ostentatória e não utilitária, adquirindo um sentido de comemoração e gerando ou consolidando vínculos sociais entre seus representantes.” (SOUZA, 2013, pág 10)

Conforme as pessoas chegam no salão, as fichas são vendidas, as comidas e bebidas servidas àqueles que comprem as ditas fichas, a barraca que vende os artigos religiosos entra

em pleno funcionamento, oferecendo imagens da santa de todos os tamanhos, terços, camisetas, entre outros produtos; as conversas enchem o ambiente, assim como a música. Não louvores, mas músicas seculares, que você conseguiria ouvir se estivesse no bar certo durante o fim de semana. Um sinal de uma cultura híbrida, do caráter popular da festa, afinal, como SOUZA (2013) deixa bem claro: “O catolicismo popular foi estruturado, afinal, a partir de sua vocação para o sincretismo e para a absorção de elementos exógenos, que são moldados às suas crenças e aos seus rituais.”

Apesar de ser um sinal relevante de uma cultura híbrida, não é o primeiro que pode ser apontado, este sendo o papel que o bairro do Jurunas tem nesse contexto. É um palco muito recheado de relações de desterritorialização e reterritorialização, que é, como explica Canclini (1997): “a perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”. Esses processos, por sua vez, são responsáveis por criar noções como a da “nação jurunense”, haja vista que o bairro, apesar de antigo, também tem como parte importante de sua habitação pessoas que migraram para a cidade e se estabeleceram nessa determinada área periférica, criando relações de afeto e pertencimento a ela.

Como explica Chagas (2012), “A ‘nação jurunense’ é formada pela identificação de sujeitos diversos com as inúmeras manifestações culturais do bairro do Jurunas, dentre as quais se incluem tanto as festividades aos santos católicos quanto aos desfiles do Rancho no Carnaval.” E como resultado desses fenômenos, temos as pessoas que constroem essa festa, os moradores do bairro, que, por sua vez, criam novas tradições culturais. “Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância.” (HALL, 2003, pág. 260).

Antes de falar mais sobre a festa e o que mais aprendi vivenciando-a, acho que faz-se necessário um contexto maior do por que a classifico enquanto um exemplo de manifestações que podem ser analisadas pelas lentes do catolicismo popular. Para conceituar este termo, uso novamente as palavras de Souza:

“Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. Contrastam, assim, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população.” (SOUZA, 2013, pág. 5)

Segundo esta definição, então, a Festa de Santa Teresinha se encaixa perfeitamente nesse conceito, haja vista que não é uma festa que é amplamente comemorada pela cidade, mas é um evento específico do bairro, com uma autonomia própria, organizada pelos membros da igreja. É um evento que se moldou para acompanhar não somente a evolução tecnológica, haja vista a transmissão do dia da festa via televisiva, no canal da TV Nazaré, mas também novos meios de socialização, a exemplo da presença da paróquia nas mídias sociais. É uma festa de bairro, mais especificamente de um lugar periférico e com fama de perigoso, bem diferente da

pompa que outras festas católicas, como o Círio de Nazaré apresentam. Além disso, Chagas, em sua reflexão acerca da festa de São Benedito, que acontece no mesmo bairro, faz uma fala que eu acredito ser muito relevante e que também se encaixa no contexto de St. Teresinha: As festas do catolicismo popular, tais como as festividades dedicadas a São Benedito no bairro do Jurunas, são exemplo disto. O “popular”, portanto, não é o “menor”, ou o “menos”, antes é um “outro”, um igual ou mesmo, expressão de uma realidade social multifacetada, conformada nas relações de sociabilidade e disputa entre grupos, classes sociais, gêneros, raça ou cor/etnia. Desse modo, o popular constitui-se em expressões dos modos de vida de camadas subalternas, mas que sempre esteve em diálogo com o erudito.

Tais observações servem para localizar as festividades jurunenses no contexto do catolicismo popular, pois ambas as festas não fazem parte do calendário oficial católico de Belém. No entanto, cada uma a sua maneira, por seus “próprios” meios, construiu-se e mantém-se viva dentro de sua esfera social. (CHAGAS, 2012).

Neste sentido, ao vivenciar a festa, nas conversas que tive a fim de me inserir melhor naquele universo, a expressão que parecia resumir o que aquele evento significava era de que era “uma festa para a comunidade”, não algo para pessoas que não tinham contato com o catolicismo ou que não frequentavam aquela paróquia em específico, não era voltada para os olhares de fora, mas era a celebração daquele núcleo social, cujos vínculos eram formados devido aos hábitos de convivências da paróquia. É um contraste, por exemplo, com as festas do período colonial que, segundo Souza, o qual fala que: “As festas tiveram, assim, a função, igualmente, de agregar novos fiéis a religião, sendo largamente utilizadas pelos Jesuítas, no Brasil, tendo em mente tal finalidade” (2013, pág. 16). No entanto, um aspecto introduzido pelos Jesuítas no contexto colonial e que permanece até os dias atuais é a inserção de crianças nas festas religiosas, com registros desse evento no século XVIII (SOUZA, 2013, pág. 17) e na festa de Santa Teresinha dos dias atuais, onde as crianças fizeram uma participação na missa especial do dia 26 de setembro, onde também houve a participação especial do bispo auxiliar de Belém, D. Antônio de Assis Ribeiro. Apesar do estruturamento da festa nos

parâmetros de uma festa popular, ainda é um contexto de catolicismo em que normas precisam ser seguidas, e “a existência destas normas torna necessária, ainda, a criação de uma hierarquia com cargos específicos ligados à função de regulamentá-las.” (SOUZA, 2013, pág. 11).

Para que a organização da festa possa acontecer, é necessário que os diferentes grupos presentes na igreja unam forças, pois é o evento pelo qual aquela comunidade anseia durante um ano inteiro. Dos grupos dentro da igreja, três são os mais relevantes para a organização da festa, são esses: o Apostolado da Oração, o ECC e a Juventude. As funções costumam ser divididas por esses membros e grupos, as tarefas são delegadas, mas tudo também depende do aval do padre Marcelino Gonçalves Ferreira, que participava ativamente de todas as decisões acerca da festa, mesmo em seu estado de saúde debilitada. O tema da festa costuma ser divulgado na primeira quinta-feira de agosto, e a partir deste dia começa uma maratona para a preparação da festa. Para garantir o espírito festivo, é importante comentar também acerca de três acontecimentos: os fogos de artifício, as músicas que são tocadas e as refeições partilhadas (esta será retomada posteriormente).

Começando com os fogos, eles ocorrem durante a procissão e durante a festa e são fundamentais para marcar o espírito celebratório da ocasião. As festas católicas não podem, entretanto, serem reduzidas às suas dimensões extrarreligiosas, sendo também a partir de sua especificidade enquanto fenômenos religiosos que elas devem ser compreendidas. E tal especificidade adquiriu, frequentemente, um aspecto feérico, simbolizado pelo grande uso de fogos de artifício, que possuem, também, um sentido mágico, servindo, nas festas juninas, para afastar os maus espíritos. (SOUZA. 2013, pág 35/36). Comentando, agora, acerca da trilha sonora da festa: músicas seculares cuidadosamente selecionadas e tocadas por membros da comunidade religiosa, fato esse que só é possível graças à margem de liberdade que o catolicismo popular tem para se aproximar do profano. Nesse momento, a cultura do sagrado se mescla com a cultura secular, ainda mantendo certas características para ser aceita, haja vista a escolha de músicas que fogem de temas tais quais uma erotização explícita ou que desagradam os princípios morais que se estabelecem naquele contexto.

A fim de falar sobre o símbolo que as refeições partilhadas podem representar, é necessário primeiramente uma reflexão mais atenciosa sobre a própria estrutura da comunidade da igreja, o que será feito adiante.

4. A comunidade, a festa e conciliações.

Durante o ano todo, por meio de venda de comidas e de artigos religiosos bem como rifas, a comunidade arrecada fundos para a festa. É um momento em que as pessoas daquela

comunidade se juntam e celebram, é muito esperado, cheio de êxtase e vivido intensamente. A festa tem um enorme caráter comunitário, não é exatamente um espetáculo para atrair pessoas de fora, mas se assemelha mais a uma confraternização da comunidade, daquelas pessoas que, dia após dia, trabalham em prol da paróquia, mantendo-a viva e relevante. Devido a essa singularidade, nos dias de celebração, os destaques das missas, das atrações musicais são os membros da própria igreja e dos ministérios. Diante dessa característica, trago, a fim de enriquecimento do diálogo os estudos de Victor Turner (1974) para estudar acerca de comunidades e ritual, primeiramente o termo *Communitas*, que, como o próprio diz:

A liminaridade não é a única manifestação cultural da "*communitas*". Na maioria das sociedades há outras áreas de manifestação, facilmente reconhecidas pelos símbolos que se agrupam em torno delas e pelas crenças a elas vinculadas, tais como "os poderes dos fracos", ou, em outras palavras, os atributos permanente ou transitoriamente sagrados, relativos a um "status" ou posição baixa. (TURNER, 1974, pág.133)

Diante dessa explicação, parece evidente que a comunidade da paróquia de Santa Teresinha, reunida e estruturada por meio do sagrado, com status relativo ao seu locus de bairro periférico, se qualifica enquanto uma *Communitas*. Ou então, também poderia ser considerada como: “um "*comitatus*" não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, urna comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais.” (TURNER, 1974, pág. 119) Ou também como uma “"*communitas*" normativa, na qual, sob a influência do tempo, da necessidade de mobilizar e organizar recursos e da exigência de controle social entre os membros do grupo na consecução dessas finalidades, a "*communitas*" existencial passa a organizar-se em um sistema social duradouro” (TURNER, 1974, pág. 161). Ainda nesse argumento, a fim de estabelecer um conceito mais certo de *Communitas*, Turner utiliza das palavras de Buber (1961) sobre comunidade. Ele diz:

A comunidade consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado (e, acrescente-se, acima e abaixo), mas umas com as outras. E esta multidão, embora se movimente na direção de um objetivo, experimenta no entanto por toda parte uma virada para os outros, o enfrentamento dinâmico com os outros, uma fluência do Eu para o Tu. A comunidade existe onde a comunidade acontece" (p. 51). (BUBER, 1961, apud. TURNER, 1974, pág. 154)

Ainda explorando os pensamentos de Turner, outro conceito que se torna útil para analisar a festa e sua comunidade é o de drama social, momentos de tensão e conflitos. Sabemos que, para a organização de um evento que exige a cooperação entre diversos grupos e indivíduos, é necessária a boa articulação entre as partes presentes, o que não aparece enquanto regra, mas como ideal.

Dessa forma, durante a organização da festa, é rotineiro que desencontros e conflitos ocorram. De acordo com o que Victor Turner descreve como o drama social (2008), esse conflito ocorreria da seguinte forma: primeiramente com a ruptura de uma relação. Isso poderia acontecer a partir de um momento em que alguém da juventude, por exemplo, iniciasse abertamente uma discussão com outra pessoa de outro grupo da organização, ou então se alguém tivesse um cargo na comissão organizadora e, por algum embate, é publicamente dispensado de suas funções.

Não entrarei em detalhes agora sobre porquê um embate dessa natureza poderia acontecer, mas pelo o que me foi relatado em pesquisa de campo, esses problemas acontecem anualmente, em cada comissão organizadora. Posteriormente, viria a fase de crise. Esse conflito que pode ter começado com duas pessoas, se espalha, criando uma atmosfera de estresse e tensão entre outras partes. É quando a organização da festa pode se tornar pesada e conflitante, mas também urgente, pois é no decorrer do evento que a situação pode se resolver. A terceira fase, então, é a mais importante, pois ela atua como ritual e momento pelo qual a ação corretiva acontece. No momento em que as pessoas passam pela festa juntas, vivenciam em conjunto e enquanto comunidade vive aquele momento tão esperado, os conflitos entram em perspectiva e podem se resolver. “É na fase corretiva que tanto as técnicas pragmáticas quanto a ação simbólica alcançam sua mais plena expressão” (TURNER, 2008, pág. 36). Nessas horas, por exemplo, uma ação como dividir uma refeição na companhia do outro assume não somente um caráter celebratório, mas também conciliatório. É um símbolo que se repete como parte da festa durante as comemorações: as refeições que a comunidade partilha, jantares e cafés-da-manhã.

Por meio de diálogos e vivências com a comunidade, houve o relato oral acerca dos desentendimentos que marcam a organização da festa. Devido a natureza dos conflitos não ser relevante para o trabalho, não me estenderei acerca dos detalhes. que aqui eu analiso como um símbolo do ritual da festa, para além de uma característica clássica das festas do catolicismo popular, como analisa Souza, onde, mesmo em comunidades onde nem sempre a regularidade de refeições é algo rotineiro, a partilha de comida durante o festejo aparece quase como norma:

“A festa é, ainda, caracterizada pelo dispêndio anormal de diversos fatores: de comida, de bebida, de energia, sendo, este, um dispêndio que não pode ser avaliado a partir das normas que regem um cotidiano necessariamente escasso e regrado. Por isto, a suntuosidade da festa, mesmo quando se coloca em contraste com a pobreza de seus realizadores, não deve ser vista como uma anomalia, e sim como uma estratégia que facilita a convivência com a penúria.” (SOUZA, 2013, p. 45)

Por fim, após a festa, a comunidade será deixada com uma resposta: se o conflito foi resolvido ou se ele permanecerá se infiltrando nas relações sociais daquela comunidade, fase

essa conhecida como reintegratória. De uma forma ou de outra, explicita-se aqui o papel da celebração como ritual, momento em que a comunidade pode ter uma visão ampliada sua, analisar seus conflitos e se fortalecer, ou pelo menos, afinar a natureza das relações entre os indivíduos.

5. Considerações finais - A Santa padroeira do bairro.

Ao me inserir nesse universo, nessa celebração, num contexto religioso que nem sempre me é familiar, olhando “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), não entrei somente num templo, entrei numa comunidade do Bairro do Jurunas. É claro, que, por ser um bairro marcado pelo seu caráter heterogêneo, este estudo não deve ser utilizado como generalizador para toda a população dessa localidade e nem se pretende a isso, busca apenas fazer uma breve análise acerca da comunidade relativa à igreja da padroeira do bairro. O fato dessa comunidade religiosa, aqui, ser analisada enquanto uma *Communitas*, alude ao fato de que ela está intimamente ligada aos seus arredores, ao bairro do Jurunas, não se contrapondo, mas em diálogo com caracteres identitários tal qual a intitulação de “nação jurunense”. Turner também fala acerca disso quando explica que:

A “*communitas*” só torna evidente ou acessível, por assim dizer, por sua justaposição a aspectos da estrutura social ou pela hibridização com estes. Assim como na psicologia da Gestalt a figura e o fundo são mutuamente determinantes ou como certos elementos raros nunca são encontrados na natureza em estado de pureza mas apenas enquanto componentes de compostos químicos, do mesmo modo a “*communitas*” unicamente pode ser apreendida por alguma de suas relações com a estrutura.” (TURNER, 1974, pág. 153, 154)

Este bairro, por ter recebido e ainda receber migrantes de diversas áreas, a exemplo da região das ilhas e dos interiores do Pará, é composto por sujeitos que passam por processos de desterritorialização e constroem culturas híbridas que, por fim, se mostram nas experiências cotidianas dos setores populares (CANCLINI, 1997). O processo identitário que ocorre, então, a partir disso é de uma identidade fragmentada e múltipla (HALL, 2006) que permite com que ao mesmo tempo em que o sujeito pode se entender enquanto belenense ou migrante do interior, pode se entender enquanto membro da “nação jurunense”. E é a partir desse diálogo rico em que noções que nem sempre aparentam ser harmônicas se entrelaçam, é que a festa acontece. Essa festa que é popular, tradicional da periferia, que agrega idosos que já congregam na paróquia há décadas, mas que também abre espaço para vozes de juventude e modernidade que integram a comunidade. Que se expõe para o mundo online, usando isso como uma ferramenta para seu fortalecimento e integração dos membros e de pessoas de fora e que utilizam até mesmo do que poderia ser considerado profano ou secular ao seu favor, trazendo à luz seu aspecto espetacular. Apesar de sua história

e tradição, a festa e a comunidade não negam a modernidade e os processos que a acompanham, mas se integram e pertencem a ela da mesma forma que se o fazem com seu bairro. O bairro do Jurunas é festeiro, que organiza suas festas, que celebra carnaval e santos com o mesmo fervor, que cria laços de afeto com seus moradores a ponto de se tornar uma nação.

Referências

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida. **Círio de Nazaré: A Festa da Fé e suas (re)significações culturais – 1970/2008**. Tese (Doutorado em História Social) -. Programa de Pós-Graduação em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2010.

ALMEIDA, Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida. Teatralidade e Espetacularidade na Festa de Nazaré, em Belém do Pará. **Revista Cena**, Porto Alegre, nº 36, p. 19-32, jan/abr. 2022. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cena>

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CHAGAS, Eduardo Wagner Nunes. **Fitas de cetim, papel crepom, flores de plásticos... Será um “o Benedito”?: Festas, Símbolos e Identidades no bairro do Jurunas em Belém do Pará..** Orientador: Orientador Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco, Co-Orientadora: Profª. Dra. Carmem Izabel Rodrigues. 2012. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Ciências da Arte – ICA – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et all. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JURUNAS prepara-se para viver sua fé: Homenagem a Santa Teresinha reúne fiéis. **O Liberal**, Belém, ano 91, p. 4, 18 set. 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2002, v. 17, n. 49 [Acessado 19 Março 2022] , pp. 11-29.

SANTUÁRIO DE SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE. **Santa Terezinha do Menino Jesus a padroeira das missões**, c2023. Disponível em: https://santuariosantaterezinha.com.br/historia_de_santa_terezinha/. Acesso em: 11 de jun. de 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, cultura e estrutura social**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

RODRIGUES, Carmen Izabel. **Vem do bairro do Jurunas**. Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.